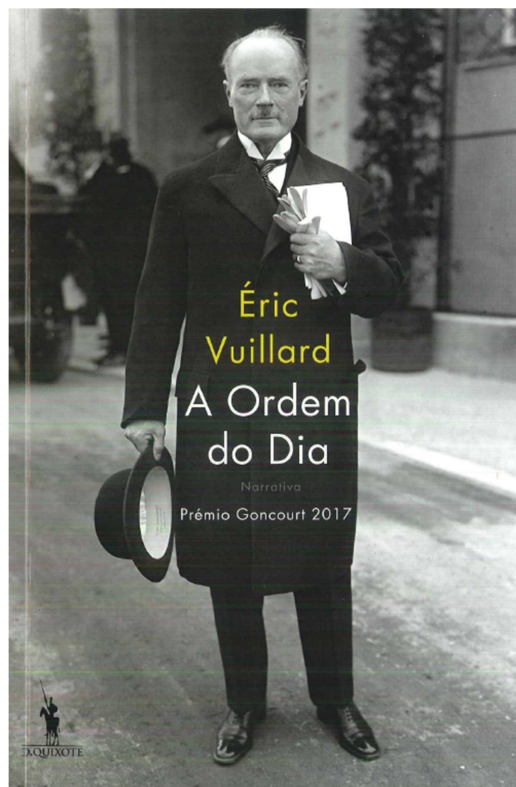


Uma extraordinária narrativa da ascensão do totalitarismo dos anos 1930

Mário Beja Santos¹, beja.santos@dg.consumidor.pt

O Prémio Goncourt 2017 foi concedido a uma curta narrativa que saiu do punho do escritor e cineasta Éric Vuillard: *A Ordem do Dia* (Publicações D. Quixote, 2018). A década de 1930 é assinalada por dois fenómenos paradoxais: instalam-se doutrinas totalitárias no continente europeu, prometem a ordem, o respeito pelo nacionalismo, o emprego, a grandeza; as democracias parlamentares vão permanecer, até ao limite, condescendentes com a escalada militarista dos totalitários, continuam amenablemente a contemporizar com anexações, perseguições e assassinios, até que o abismo os sacudiu e os levou ao confronto, com consequências dolorosíssimas, como é sabido.

O título é equívoco, esta ordem do dia é mais do que uma agenda de uma reunião, são tópicos sobre sucessivas atitudes da brutalidade totalitária entremeadas com a ganância dos negócios e a amenidade/passividade/ingenuidade das democracias parlamentares, insuscetíveis a pôr travão nesses nacionalismos que odiavam a democracia, os parlamentos, os partidos políticos, as liberdades, e que sabiam fazer pactos do diabo com os grandes industriais e financeiros. É exatamente por aqui que começa a narrativa, em 20 de fevereiro de 1933. Adolfo Hitler encontra-se com 24 gigantes da indústria e da praça financeira alemã, lá está Gustav Krupp von Bohlen und Halbach, o senhor dos canhões, que depois se irá sentar no banco dos réus em Nuremberga. A narrativa é arquitetada num belo horrível, há para ali detalhes que num romance seriam vistos como enxúndia, aqui provocam um brando horror: “Eram vinte e quatro, junto às árvores mortas da margem, vinte e quatro sobretudos negros, castanhos ou conhaque, vinte e quatro pares de chumaços acolchoados de lã, vinte e quatro fatos de três peças e um número idêntico de calças pregueadas, com um grande debrum. As sombras penetraram no grande vestíbulo do palacete do presidente da Assembleia; em breve, porém, deixará de haver Assembleia, deixará de haver presidente e, dentro de alguns anos, deixará até de haver edifício do Parlamento, apenas um monte de ruínas fumegantes”. Estão lá os nomes proeminentes: Krupp, Opel, Reuter, Tengemann, e de novo o autor procura um dado particular, mesmo insignificante, antes de se chegar à banalidade do mal, ao conluio dos grandes



¹ Aposentado na categoria de Técnico Superior da Direcção-Geral do Consumidor, Professor do Ensino Superior, autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida.

negócios com um tarado xenófobo, antissemita e visionário de um nazismo sem restrições: “Na fila dianteira, Gustav Krupp afaga com a luva o rosto rubicundo, assoa-se e cospe religiosamente no lenço, está constipado. Com a idade, os lábios finos começam a desenhar uma feia lua crescente invertida. Tem um ar triste e inquieto; roda maquinalmente nos dedos um belo anel de ouro”. Aqueles vinte e quatro homens chamam-se BASF, Bayer, Agfa, Opel, IG Farben, Siemens, Allianz, Telefunken. Aceitam colaborar com Hitler para combater a desordem, a força dos sindicatos, a ameaça comunista. O compromisso fica selado.

Os conservadores ingleses não se dão mal com a ascensão do gangsterismo nazi, trocam cortesias, caso dos encontros de Lorde Halifax com Goring e Hitler, e o autor é implacável na ironia: “O aristocrata inglês, o diplomata que se ergue orgulhosamente por detrás da sua pequena linha de antepassados, deixam-me frio. Não foi o muito honorável primeiro visconde de Halifax, que, na qualidade de chanceler do Tesouro, se opôs firmemente a que fosse concedida qualquer ajuda suplementar à Irlanda durante todo o tempo em que desempenhou esse cargo? A fome provocou um milhão de mortos”.

Segue-se a agonia da Áustria, o primeiro-ministro Schuschnigg vai ser submetido a toda a espécie de vexames, por Hitler e membros do seu séquito, as intimidações sobem de tom, o primeiro-ministro vai fazendo cedências, os nazis austríacos vão entrar no Governo enquanto o Exército alemão se posiciona perto da fronteira austríaca, tudo acabará na anexação e Schuschnigg irá parar à prisão de onde só sairá com a derrota alemã. Tudo é descrito ao pormenor e contrapontado com acidez controlada com o que se passa em Paris e Londres. O presidente francês parece resignado com a sorte da Áustria, em Londres Chamberlain recebe Ribbentrop, o futuro ministro dos Negócios Estrangeiros de Hitler, num almoço de despedida, o pavão alemão vai exibindo-se com farroncas e tagarelices baratas, até que chega o telegrama que deixa Chamberlain paralisado, Ribbentrop não pára de falar, sabe perfeitamente o que se está a passar, quer trivializar o fim da Áustria, e consegue-o.

Temos depois a chegada triunfal de Hitler a Viena. No meio aconteceram peripécias como um engarrafamento de tanques Panzer que atrasaram a marcha triunfal do ditador. É um momento capital para se poder apreciar uma nova arma temível: a propaganda em todos os meios de comunicação, Goebbels recrutou cineastas, montadores, técnicos de câmara e de som em doses colossais. As atualidades alemãs tornam-se o modelo de ficção, a anexação austríaca parece um sucesso prodigioso. O autor acrescenta: “Revi esses filmes. É preciso não nos deixarmos enganar, vieram militantes nazis de toda a Áustria, prenderam-se os opositores, os judeus, trata-se de uma multidão escolhida, expurgada, mas os austríacos estão de facto lá, não se trata apenas de uma multidão cinematográfica”.

Caminha-se para Munique, a paz na Europa continua ameaçada, Hitler quer mais a Alemanha dentro da Checoslováquia, as democracias voltam a condescender, recorre-se a mentiras piedosas para diferir o grande confronto, que já está no horizonte, procura-se sossegar os espíritos, um tal Winston Churchill não pára, nos Comuns, de advertir para o grande incêndio que vai provocar a aventura alemã.

Veio a guerra, as fortunas recompuseram-se, tudo se esqueceu, os alemães tornaram-se homens poderosos no mercado comum, a Krupp pagou indenizações. E o autor termina assim: “Não se cai nunca duas vezes no mesmo abismo. Mas cai-se sempre da mesma forma, com uma mistura de ridículo e de pavor. E deseja-se tanto não voltar a cair, que se resiste, se grita. O abismo está rodeado de moradas imponentes. E a História ali está, Deus é razoável, estátua imóvel no meio da praça das Festividades”.

Um Prémio Goncourt que é um verdadeiro cocktail Molotov para as nossas consciências, escusado é dizer que a narrativa é primorosamente escrita e primorosamente traduzida por João Carlos Alvim.